



O FIM DA ANÁLISE

Leonardo Corrêa Sobrinho

Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia da UNIVAG

Email: leocsobrinho@gmail.com

Nicolas Pinheiro Costa Navarros

Acadêmico do 9º semestre do curso de Psicologia da UNIVAG

Email: nicolas_navarros@hotmail.com

Thiago Rogerio Moreira Anibale

Acadêmico do 9º semestre do curso de Psicologia da UNIVAG

Email: trmanibale@gmail.com

Orientado e supervisionado pelo Prof. Luis Guilherme Araujo Gomes

Email: luiz.gomes@univag.edu.br

O presente trabalho, tem por objetivo um estudo aprofundado acerca do tema: fim de análise, baseado nos artigos “*Final de análise: uma revisão sistemática da literatura*” (2009) e “*Ato analítico e final de análise*” (2008). Devido a importância e visando uma melhor compreensão e aprofundamento do tema, a escolha também se dá, visando uma aplicação do que foi estudado aliado a teoria psicanalítica, no estágio em que estamos cursando em Políticas de Saúde, no SIP (Serviço Integrado de Psicologia) da clínica escola da Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). Pimentel (2009) acerta ao destacar que a psicanálise serve para aqueles que buscam questionar seus sintomas e confrontar-se com suas verdades, trocando o gozo pelo saber. Essa troca entre saber e verdade é crucial no processo psicanalítico, pois, como o sintoma aparece como um enigma, ele naturalmente se dirige ao sujeito suposto saber, esperando uma resposta significativa. Lacan (1956), ao discutir a cadeia simbólica da linguagem, também acerta ao afirmar que o homem está submetido a essa ordem, e que a relação entre analista e analisante é mediada por esse “Outro”, uma entidade simbólica anterior ao sujeito. Este ponto é fundamental, pois é o “Outro” que sustenta a transferência e articula a relação com o saber. O fim da análise, tal como é amplamente debatido na psicanálise, reflete a complexidade das transformações que ocorrem no sujeito. As contribuições de Freud e Lacan oferecem um entendimento profundo sobre o momento em que a análise termina, levando em conta elementos como a destituição subjetiva, a travessia da fantasia e o papel do sujeito suposto saber. É notável como, ao final do processo analítico, a crença no sujeito suposto saber desmorona, revelando a falta e a castração. Esse momento inusitado é, de fato, um ponto de virada na análise, pois o sujeito precisa se confrontar com a inconsistência do Outro. Lacan (1964) apresenta de forma muito clara a ideia de que o sujeito, embora submisso ao universo simbólico, também carrega uma inadequação radical em relação a esse universo. Ele se encontra dividido e descentrado, sendo parcialmente produzido pelo significante e, ao mesmo tempo, carregando algo do real, representado pelo objeto *a*. A análise se estrutura justamente ao redor desse objeto, que, ao final do processo, será rejeitado pelo analisante, sinalizando a conclusão do ato analítico. Lacan está correto ao afirmar que o analista ocupa a posição de suporte ao objeto do desejo do sujeito, o que evidencia a importância do manejo da transferência ao longo de todo o processo. Dias (2008) complementa essa visão ao destacar que o ato analítico, ligado diretamente ao manejo da transferência, culmina na destituição subjetiva. O momento em

que o sujeito suposto saber perde sua posição central é, sem dúvida, o ponto em que a fantasia que sustentava o sujeito se dissolve. Pimentel (2009) também contribui ao observar que a destituição subjetiva é amplamente debatida, com diferentes visões sobre se o fim da análise se dá com a cura ou com a aceitação do limite imposto pela castração. A travessia da fantasia, conforme Lacan e Dias (2008), é um ponto fundamental do fim da análise, e sua importância não pode ser subestimada. Ao atravessar a fantasia, o sujeito se depara com a falta, reconhecendo que o Outro não possui as respostas que ele acreditava buscar. Esse é um momento de profunda transformação, pois a dissolução da fantasia permite uma nova relação do sujeito com o desejo e com o objeto *a*. O ponto levantado por Pimentel (2009), que vê a travessia como um processo contínuo e inacabado, amplia ainda mais essa discussão, mostrando que o fim da análise não é um corte definitivo, mas uma reconfiguração constante. Além disso, o sintoma, que está diretamente ligado ao gozo, não desaparece, mas se transforma. A análise, como Dayrell (2003) sugere, não visa a eliminação do sintoma, mas sua modificação. A eliminação dos dois supereus — paterno e materno — é necessária para a deserotização do sintoma, o que, por sua vez, abre espaço para uma nova forma de desejo. O conceito de transferência é abordado de forma precisa por Dias (2009), ao afirmar que ele é essencial para o início da análise, sustentando o sujeito suposto saber. Entretanto, é a dissolução da transferência que marca o fim do processo, quando o analisando deixa de ver o analista como um objeto de desejo e o reconhece como alguém que facilitou sua jornada. O fim da análise é, assim, um momento de rompimento com a neurose de transferência, conforme Pimentel (2009) sugere, quando o amor transferencial é deslocado para fora da análise, permitindo ao sujeito continuar seu processo de transformação. Dias (2008) traz uma visão muito clara sobre a cura no final da análise, que não está ligada à eliminação total dos sintomas, mas à reorganização do desejo e à aceitação da falta. Lacan, ao propor que o sujeito deve se relacionar de maneira diferente com seus sintomas, mostra que o objetivo da psicanálise não é erradicar o sintoma, mas transformar a forma como o sujeito o vive. Pimentel (2009) também destaca que a cura pode ser vista como a deserotização do sintoma, ou como a aceitação dos limites estruturais do sujeito. Essa visão reafirma que a psicanálise lida com a falta e a castração como aspectos inevitáveis da subjetividade humana. Embora as escolas psicanalíticas possam divergir sobre os detalhes do fim da análise, há um consenso em torno da importância da travessia da fantasia e da destituição subjetiva. O fim da análise, como Pimentel (2009) sugere, é mais uma reconfiguração do sujeito do que uma cura definitiva. A psicanálise permite que o sujeito confronte sua própria falta e a ausência de respostas no Outro, um processo que envolve a queda do sujeito suposto saber e a emergência de um novo saber sobre si mesmo. O que se revela ao final é um sujeito que, ao deixar de acreditar nas certezas do Outro, encontra uma nova maneira de lidar com seus desejos e com o objeto *a*.

Palavras-chave: Sujeito-suposto-saber. Psicanálise. Fim da análise.